

COMO CONSTRUI UMA CASA: TRADUÇÃO DA PRIMEIRA PUBLICAÇÃO LITERÁRIA DE THOMAS HARDY

HOW I BUILT MYSELF A HOUSE: A BRAZILIAN TRANSLATION OF THOMAS HARDY'S FIRST PUBLISHED LITERARY PIECE



Carlos César da SILVA
Doutorando
Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Estudos da Linguagem
Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada
Campinas, São Paulo, Brasil
lattes.cnpq.br/2407187582653442
orcid.org/0000-0002-8809-152X
c209944@dac.unicamp.br

Resumo: Thomas Hardy foi um prolífico escritor inglês que viveu entre 1840 e 1928 — autor de romances, contos, poemas e uma peça. Trabalhando com arquitetos no início da vida adulta, enquanto se aventurava em composições literárias, sua primeira publicação foi o conto *How I Built Myself a House*, divulgado pelo periódico *Chamber's Journal* em março de 1865, quando o autor tinha 24 anos. Apesar de a consolidação da carreira lhe ocorrer já aos mais de 50 anos, com romances trágicos que incitavam reflexões sobre a humanidade, a religião, a ciência, o matrimônio e a sociedade que lhe garantiam um certo desagrado pela crítica literária da época, esta primeira composição literária de Hardy apresenta um bom humor que antecede esse teor dramático de seus futuros trabalhos. O texto aborda as desventuras enfrentadas por um casal que pretende deixar para trás um lar nada prático e se mudar para a casa de seus sonhos. O protagonista e sua esposa, então, veem-se na necessidade de renunciar a muitas de suas idealizações durante a obra da nova residência, que também lhes gera problemas. Esta tradução brasileira de *How I Built Myself a House* é a primeira tradução da narrativa para a língua portuguesa.

Palavras-chave: Conto. Thomas Hardy. Tradução. Literatura Inglesa. Sátira.

Abstract: Thomas Hardy was a prolific English writer who lived between 1840 and 1928 and penned novels, short stories, poems, and a play. Working with architects in his early adulthood years, while he ventured in his own literary pieces, Hardy's first ever publication was the prose sketch *How I Built Myself a House*, disclosed by the *Chamber's Journal* in March 1865, when the author was 24 years old. Although Hardy's career as an author came to be established by the time he was over 50 years old, with tragic novels that stirred reflections on humanity, religion, science, matrimony, and society that awarded him a certain distaste by the literary critics of his time, this first literary piece presents a good humor that precedes such dramatic tone of his future works. The text fictionalizes the mishaps faced by a couple who intends to leave their troublesome home behind and move into the house of their dreams. The main character and his wife find themselves in need to let go of many of their idealizations during the construction of their new home, which also brings them problems. This Brazilian translation of *How I Built Myself a House* is the first translation of the piece to Portuguese.

Keywords: Prose sketch. Thomas Hardy. Translation. English Literature. Satire.



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

A história aqui apresentada, até então inédita em língua portuguesa, foi a primeira publicação literária de Thomas Hardy,¹ autor inglês que viveu na transição do século XIX para o XX, entre 1840 e 1928. Por ter começado a publicar ainda jovem, com 24 anos, e estender sua produção textual até seus últimos anos de vida, Hardy foi conhecido por ser o escritor na ativa por mais tempo na Inglaterra, com uma obra que abrange contos, poemas, romances e uma peça (Morgan, 2007).

Sua carreira atingiu o ápice com a popularidade de seus romances que, embora intrigassem o público leitor, em muito desagradavam a crítica da época por conta de suas denúncias da hipocrisia da sociedade inglesa, das injustiças de classe e gênero e da incongruência da Igreja. O lançamento de *Jude, the obscure* (1895), especialmente, causou grande alvoroço entre os críticos, o que fez Hardy desistir da carreira de romancista e restringir sua arte a poemas (Millgate, 2006).

A escrita, no entanto, foi apenas a segunda das grandes venturas profissionais do autor. Ainda jovem, morando na zona rural da Inglaterra em Dorchester, foi indicado como pupilo de John Hicks, um arquiteto. Trabalhando como aprendiz e desbravando a escrita, Hardy conciliou sua paixão pela literatura e pela arquitetura. É revelador, portanto, que esta primeira composição literária do autor flerte com a temática da arquitetura, a qual mostrou-se recorrente ao longo de sua obra.

How I Built Myself a House foi publicada em março de 1865 no periódico *Chamber's Journal*, e em inglês é definida como uma *prose sketch* — isto é, um texto literário menos dramático, porém mais descritivo do que uma *short story*. A história é narrada por John, um pai de família, e relata os percalços que ele e sua esposa, Sophia, enfrentam ao tentarem se livrar de sua residência claustrofóbica e, enfim, construírem a casa com que sempre sonharam. Ao entrarem em contato com um arquiteto para dar início ao planejamento da nova moradia, um a um os caprichos do casal são rejeitados pela falta de praticidade ou por não caberem no orçamento de uma típica família de classe média. Após gastarem muito mais do que o esperado na construção e fazerem a mudança, eles percebem que a nova casa, assim como seu lar anterior, também apresenta problemas que atrapalham a convivência.

De acordo com a biografia de Hardy editada por Michael Millgate (2006), o autor escreveu o conto quando se mudou para Londres no início da vida adulta e começou a trabalhar na firma de Arthur Blomfield como arquiteto assistente na capital. O texto literário tinha a intenção de divertir seus colegas de escritório na forma de “um comentário satírico acerca do relacionamento entre um arquiteto e seu cliente”² (Millgate, 2006, p. 84, tradução nossa). A

sátira do conto já é preludiada no título, considerando o uso da primeira pessoa do singular (*how I built myself a house*), quando o narrador-personagem, na verdade, terceiriza seus serviços a uma firma de arquitetura. O bom humor da história se distancia consideravelmente do teor melancólico dos romances do autor, como *Tess of the D'Urbervilles* (1892), talvez o volume mais famoso de sua trajetória literária.

Apesar de ser um texto bastante inicial da carreira de Thomas Hardy, o conto já evidenciava algumas peculiaridades que vieram a ser conhecidas sobre a escrita do autor (retratadas, por exemplo, por Chapman [1990] em *The Language of Thomas Hardy*). Um exemplo é a redação de períodos repletos de adendos, que no texto aqui tratado são usados sobretudo para as descrições dos imóveis, de seus atributos e os problemas que traziam para a vida dos moradores, como no seguinte trecho do fim do primeiro parágrafo do original:

It was therefore only natural that on wet days, chimney-sweepings, and those cleaning times when chairs may be seen with their legs upwards, a tub blocking a doorway, and yourself walking about edgeways among the things, we called the villa hard names, and that we resolved to escape from it as soon as it would be politic, in a monetary sense, to carry out a notion which had long been in our minds. (Hardy, 2013, p. 1204)

3

O excerto acima apresenta um adendo significativamente longo (*“chimney-sweepings, and those cleaning times when chairs may be seen with their legs upwards, a tub blocking a doorway, and yourself walking about edgeways among the things”*) que aparece intercedendo a ideia principal do período (*“It was therefore only natural that on wet days, [...] we called the villa hard names [...]”*). A tradução aqui proposta buscou emular a sintaxe e o ritmo do autor nesses trechos, sem atribuir novas quebras de períodos ou reorganizações dos elementos frasais:

Portanto, era natural que em dias de chuva, na limpeza das chaminés e naqueles momentos de faxina quando as cadeiras são colocadas de ponta-cabeça, com uma banheira bloqueando a passagem de uma porta, e você mesmo tendo que andar de lado desviando dos obstáculos, nós xingássemos a casa, e assim decidimos escapar dali o quanto antes fosse politicamente viável, em um sentido monetário, para bancarmos a ideia que há muito vivia em nossas mentes.

Outro exemplo nesse mesmo sentido é quando, já mais próximo do fim do conto, o narrador lista os atributos que constam na casa nova e que gerariam ao casal custos extras por não estarem inclusas no valor previamente acordado com o arquiteto:

Then came a host of things not included—a sink in the scullery, a rain-water tank and a pump, a trap-door into the roof, a scraper, a weather-cock and four letters, ventilators in the nursery, same in the kitchen, all of which worked vigorously enough, but the wrong way; patent remarkable bell-pulls; a royal letters extraordinary kitchen-range, which it would cost exactly three pence three-farthings to keep a fire in for twelve hours, and yet cook any joint in any way, warm up what was left yesterday, boil the vegetables, and do the ironing. (Hardy, 2013, p. 1212)

4 No trecho, além da apresentação dos elementos adquiridos quase como que em uma lista em um só período ofegante, também cabe destacar a referência à quantia monetária de “*three pence three-farthings*”. Seguindo o intuito de preservar traços do original, não só estilísticos, mas também históricos, optou-se por manter o registro da época (“três pence e três *farthings*”), com essa e outras devidas explicações culturais e históricas indicadas em nota. Bem como os valores financeiros, as unidades de medida também são apresentadas como aparecem no texto de Hardy: pés e jardas.

A edição utilizada para tradução do conto foi a do e-book *The Short Stories of Thomas Hardy*, publicada em 2013, mas a versão digital em domínio público também está indicada nas notas de fim.

Como construí uma casa (1865)

Minha esposa Sophia e eu, junto ao princípio de uma família feliz, costumávamos viver nos subúrbios de Londres, em um tipo de residência chamada Casa Geminada Altamente Desejável. Contudo, na realidade, nosso lar era o oposto do que desejávamos que fosse. Não tínhamos espaço para receber visita de nossos amigos e éramos obrigados a guardar nosso carvão do lado de fora, empilhado contra a parede de trás. Se conseguíssemos acomodar alguns conhecidos ao redor da mesa para um jantar, servi-los causava muita dificuldade; e nessas ocasiões, a criada, por falta de espaço no aparador, guardava a louça na escada ou sobre banquinhos e cadeiras pelo caminho, de modo que se mais alguém chegasse após nos sentarmos, a pessoa geralmente dava meia-volta, enojada pela visão dos restos de comida espalhados pelo caminho, e talvez pelo salsão que esperava no canto ali perto. Portanto, era natural que em dias de chuva, na limpeza das chaminés e naqueles momentos de faxina quando as cadeiras são colocadas de ponta-cabeça, com uma banheira bloqueando a passagem de uma porta, e você tendo que andar de lado desviando dos obstáculos, nós xingássemos a casa, e assim decidimos escapar dali o quanto antes fosse politicamente viável, em um sentido monetário, para bancarmos a ideia que há muito vivia em nossas mentes.

O plano era construir uma casa por conta própria, um pouco mais longe do centro do que o local onde havíamos morado até então. A nova residência deveria ser adequada e apropriada em todas as frentes. Um tanto misteriosa em sua dimensão e proporção, o que nos faria peculiarmente felizes — tal sempre fora nosso acordo. Não deveria custar demais nem de menos, apenas o bastante para inaugurar de maneira satisfatória a nova felicidade. A localização deveria ser em uma região vigorosa, construída sobre o substrato de cascalhos secos, a uns noventa pés acima dos mananciais. A casa deveria ter árvores ao norte e uma vista agradável ao sul. Também deveria ser de fácil acesso por trem.

Dezoito meses atrás, quando fomos abençoados mais uma vez com um terceiro bebê, começamos a colocar em prática as ideias acima mencionadas. Como minha intenção específica é falar da própria casa e não de sua posição, não me demorarei a respeito das inúmeras dificuldades que tivemos de superar antes de encontrarmos um local propício. Mapas marcados com quadradinhos cor-de-rosa e verdes presos a uma estrada sinuosa tornaram-se tão familiares aos meus olhos como minhas próprias mãos. Aprendi também a respeito de plantas coloridas de “Terras a Serem Dedicadas a Construções”, dispostas em estações ferroviárias e nas janelas de corretores — desenhos de repolhos enfileirados ou em uma organização artisticamente irregular representavam árvores grandes que proporcionariam sombra quando

fossem plantadas e crescessem —; que em tais ilustrações, manchas azuis indicavam lagos de peixes e fontes; e que aquela estrada larga na borda do mapa era o caminho para a estação de trem, da qual era possível ver somente uma quina, como se os donos quisessem fazer parecer que a distância era conveniente.

Após um tempo considerável gasto nessas pesquisas, comecei a perceber que precisaríamos renunciar a algumas de nossas intenções no que tangia ao local. As árvores ao norte foram a primeira exigência de que abrimos mão. Depois de uma curta discussão, elas foram seguidas pelos noventa pés acima dos mananciais. Sophia, com toda a tenacidade de uma esposa, bateu o pé em relação a uma vista bonita depois de me convencer a desistir do substrato de cascalhos. No fim das contas, escolhemos um lugar que imaginamos ser bastante conveniente e vigoroso, mas que não tinha nenhuma outra vantagem digna de ser mencionada. Aluguei o lote pelo prazo acordado de noventa e nove anos.

6 Em seguida, pensamos em um arquiteto. Um amigo meu, que às vezes manda um artigo sobre arte e ciência para revistas, recomendou veementemente um tal de sr. Penny, um cavalheiro que ele considerava ter um talento múltiplo para arquitetura, mas que se havia um ramo de sua profissão em que ele era um tanto mais habilidoso do que em outra, era o de planejamento de excelentes casas para famílias de recursos moderados. Logo propus a Sophia que devíamos pensar em alguma disposição de cômodos que nos agradasse, e então que chamássemos o arquiteto para que ele pudesse dar forma ao nosso plano.

Fiz meu esboço, e minha esposa fez o dela. A sala de estar e a de jantar de Sophia eram bem grandes, quase o dobro da minha, embora as portas e as janelas desenhadas por ela mostrassem plena razão. Não demorou até nos darmos conta de que não havia meio de unir nossas ideias, independentemente do que tentássemos. Quando não chegamos a conclusão nenhuma, fomos até o escritório do sr. Penny. Comecei a contar-lhe meu caso; em resposta, ele pegou uma folha e fez anotações imponentes, acrescentando parênteses e traços. Sentado ali em seu escritório com ele, cercado por rolos de papel, círculos, quadrados, triângulos, compassos e outras muitas invenções das quais de tempos em tempos as pessoas necessitavam, e vendo que todas elas eram as realidades que me haviam sido vagamente apresentadas por Euclides³ alguns anos atrás, não é de se estranhar que eu tenha me tornado um fantoche nas mãos do homem. Ele explicou tudo de forma milagrosa. Informou-nos a respeito do único tamanho possível para os cômodos, da única maneira de incluir uma escada para o andar de cima e precisamente a quantidade de vinho que podíamos encomendar de uma só vez para acomodar as garrafas confortavelmente na adega que ele tinha em mente. Suas opiniões

profissionais, somadas aos fatos apresentados, pareceram flutuar para dentro da minha mente quer eu desejasse recebê-las ou não. Naquele momento, pensei que Sophia, por estar calada, estava no mesmo estado atônito que eu; mas depois ela me disse que era o oposto, e que apenas estava cansada.

Eu estava bastante angustiado, temendo que o custo estipulado de mil e oitocentas libras fosse excedido, e relatei minha preocupação ao sr. Penny.

— Eu lhe darei uma estimativa do que estamos pensando em fazer — propôs. — Linem. (Ele chamou o escriturário).

— O senhor me chamou?

— Quarenta e nove por quarenta e quatro por vinte e oito, duas de catorze por trinta e uma por onze e vários outros pormenores que estimaremos em cento e sessenta.

— Oitenta e dois mil, quatrocentos e...

— Mas, senhor — comecei —, o teto de mil e oitocentos...

— Pés, meu caro senhor. Cúbicos. Pés cúbicos — falou o sr. Penny. — Anote aí, Linem, seis pence⁴ por pé, o resto não tem importância.

— Duas mil e duzentas libras.

Era demais.

— Bem, tente de novo deixando de lado tudo abaixo das centenas, Linem.

— Aproximadamente mil oitocentas e setenta libras.

— Bastante satisfatório, em minha opinião — declarou o sr. Penny, virando-se para mim. — O que me diz?

— Você se atém muito aos detalhes, John — interrompeu minha esposa. — Tenho certeza de que a proposta é absolutamente razoável. Afinal de contas, a elegância e a avareza não combinam.

(Cabe ressaltar que Sophia nunca me chama de “querido” na frente de estranhos. Para ela, assim como a prática antiga em cidades amuradas de jogar pão por cima das paredes, isso denota mais uma falta do que uma abundância dos que moram do lado de dentro.)

Não incomodo o arquiteto com mais perguntas, e então nos levantamos para ir embora.

— Por favor, faça um jardim de inverno bonito, sr. Penny — falou minha esposa — algo com personalidade. É meu sonho ter um no estilo chinês, com ornamentos belíssimos nos cantos, como o da sra. Smith, porém melhor — continuou ela, virando-se para mim com um olhar que essencialmente entregava a quebra do décimo mandamento.

— Mandarei alguns esboços que acho que lhe convirão — respondeu o sr. Penny de maneira agradável, com um ar de quem ao longo dos anos desenvolvera um guia completo da mente de todas as pessoas que necessitavam de seus serviços de arquiteto.

É dispensável aprofundar-me em toda a história do planejamento. Escolhemos um construtor, e a casa estava toda demarcada quando chegamos ao local numa manhã para vermos como andava a fundação.

É curioso que a casa nova de uma pessoa, traçada no chão onde será erigida, pareça ridícula e inconvenientemente pequena. A impressão que isso passa é que qualquer parte da vida que em breve será vivida dentro de tais limitações necessariamente se tornará miserável por conta de machucados recebidos com uma frequência diária ao trombar com divisórias, batentes de portas e lareiras. No meu caso, as linhas que marcavam as salas de estar tinham mais um ar de celas; a cozinha estava mais para uma caixa grande; enquanto o escritório parecia consistir basicamente em uma lareira e uma porta. Fomos informados de que casas são assim mesmo; mas não havia explicação científica que diminuísse o desgosto de Sophia ao ver uma sala de visitas tão pequenina. Seis pés a mais. Então quatro. Pelo menos três, ela reclamou; e o cômodo foi redimensionado. Fiquei bastante aliviado quando por fim consegui tirá-la do terreno, e assim voltamos para casa.

A obra aos poucos cresceu e as chaminés foram instaladas. Estávamos do lado, um dia, observando os trabalhadores no telhado, quando o auxiliar do construtor veio até nós.

— Como esta é a sua casa, senhor, e já estamos terminando a última chaminé, talvez o senhor queira subir para dar uma olhada — sugeriu ele.

— Eu iria, se fosse homem — foi a resposta de Sophia para mim. — A paisagem deve ser esplêndida lá de cima.

O comentário me colocou em um dilema, pois devo confessar que não sou muito adepto a alturas. A visão de cima de rochedos, telhados, andaimes e lugares altos em geral, daqueles que não têm nada aos lados que previna alguém de escorregar e cair, sempre me faz sentir que estar no chão é infinitamente preferível a estar no alto. Contudo, como minha casa não era das mais altas, e eu só precisaria fazer aquilo uma única vez, concordei em subir.

Meus joelhos doeram com a forma como subi a escada; mas isso não foi nada comparado ao pavor que passou por mim enquanto segui meu guia por dois patamares estreitos, cada um entortando sob um pé. No entanto, como já havia dado início à empreitada, continuei, e em seguida subi por outra escada; fina, de aparência fraca e sem algo que prendesse a parte de cima. Não consegui deixar de pensar, ao ver o horizonte sob os degraus, que seria chocante

se alguma parte cedesse; para livrar-me do pensamento, adotei um mecanismo de criticar mentalmente as matérias da primeira página do *Times* daquela manhã; porém, como o plano não foi bem-sucedido, tentei imaginar, a despeito da estranheza, que eu estava a apenas quatro pés do chão. Também não deu certo; e bem quando eu começara entreter o devaneio de que havia montes de penas lá embaixo, cheguei ao patamar superior.

— Alto, hein?! — falei ao auxiliar, tentando passar um ar de despreocupado, mas falhando.

— Na verdade, não — respondeu ele —, nada comparado a outras casas. Só peço que o senhor não pise na beira daquele patamar ali, porque ele pode tombar. Mas também, cair daqui seria o mesmo que cair do topo do Monumento⁵; de qualquer forma a vida já quase teria se esvaído quando pegassem seu corpo no chão — continuou ele, olhando ao redor para o clima e as plantações, como se não tivesse dito nada de mais.

E então, um trabalhador, carregando tijolos, pisou nas tábuas, e as fez balançar sob meus pés. Tremi feito os cocheiros de conduções alugadas, chacoalhando ao passarem por ruas acidentadas. Perguntei, temeroso, se os tijolos não eram perigosamente pesados, imaginando uma manchete de jornal para o dia seguinte: ACIDENTE FATAL EM ANDAIME SOBRECARRREGADO.

— É justamente o que eu ia dizer. Dan está com tijolos demais — respondeu o homem. — Mas não vai quebrar se pisarmos levemente, só não espirre, embora a tosse do menino da argamassa tenha sido forte o bastante no caso do meu pobre irmão, Jim — continuou ele vagamente, como se ele mesmo possuísse muitos pescoços e quebrar um ou dois não fosse fazer grande diferença.

Minha esposa estava colhendo margaridas ali perto, aparentemente em um estado de completa indiferença a se eu estava no andaime, ao pé dele ou no Hospital de St. George; então me preparei para descer, e tentei usar a escada menor. Não sei dizer com exatidão como foi que descii; mas durante o processo, meu corpo parecia ter perfurações pelas quais correntes de ar passavam de todas as direções. Ao aproximar-me do chão, elas sumiram. Pode-se supor que a noção da minha esposa acerca da altura divergia da minha, e ela me perguntou a respeito da paisagem, da qual eu já havia me esquecido; porém, a descoberta do fato não me fez voltar atrás em minha resolução de não importunar as chaminés novamente.

Além da contínua ansiedade e das frequentes viagens pelas arestas de um triângulo, do qual a casa velha, a casa nova e o escritório do arquiteto eram os vértices, nada que valesse a pena ser mencionado acontecera até o fim da obra. O ardor de Sophia pela construção, tão intenso no começo, estava enfim quase extinguido, então tive que lidar praticamente sozinho

com os problemas finais. Entre eles, a questão da varanda. Muitas vezes eu havia me estressado esperando do lado de fora de uma porta exposto à chuva e ao vento, e era meu sonho ter uma varanda modelo caso um dia eu construísse uma casa. Portanto, foi um tormento lembrar-me, quando os trabalhadores estavam finalizando a obra, de que eu nunca havia mencionado o assunto ao sr. Penny, e que ele por sua vez não sugerira nada do gênero para mim.

— Ter ou não ter varanda é uma questão de sentimento e gosto pessoal — foi o comentário dele, em resposta a uma reclamação minha —, então, é claro, não coloquei nenhuma porque a ideia nunca me fora trazida. No entanto, neste caso seria sem dúvidas uma melhoria. Há o problema de que o telhado vai tapar a janela daquele espaço; mas podemos conseguir ventilação fazendo uma abertura mais alta, se não se importar com uma escuridão ínfima, uma penumbra na verdade.

Meu primeiro pensamento foi que isso poderia reduzir a mim e minha família a um estado crônico de melancolia; mas ao lembrar que agora vendiam refletores para atrair luz do sol a quase qualquer ambiente fechado, concordei com a inconveniência, pelo bem da varanda, embora eu tenha descoberto depois que a escuridão era para sempre, considerando que, naturalmente, o ponto de luz do refletor batia na parede oposta, onde não era desejado, e não iluminava o cômodo nem um pouco dali.

Ao produzir um contrato junto a um construtor pela obra de uma casa, há um certo buraco no qual desavisados sempre caem — o acidente recebe o nome técnico de “questões adicionais”. É evidente que a única maneira de sair da emboscada sem atrair as más línguas da cidade é pagar ao construtor uma quantia farta acima da estipulada no contrato — cobrindo os valores extras. No caso, eu sabia muito bem que os acréscimos perceptíveis deveriam ser pagos. O bom-senso, e talvez o próprio sr. Penny, deveria ter me dito com um pouco mais de ênfase que eu deveria pagar a mais se respondesse “sim” quando perguntado se eu gostaria de uma janela um tanto maior do que a originalmente planejada, outra um tanto menor, se eu desejaria repensar o local de instalação de uma porta e assim por diante. Vieram então uma série de coisas “não inclusas” — uma pia na copa; um tanque para água da chuva, com uma bomba; um alçapão para o telhado; um raspador; um catavento e quatro letras para as direções cardiais; pontos de ventilação no quarto das crianças, e o mesmo para a cozinha, todos funcionando bem, apenas na direção errada; sinos esplêndidos e um fogão extraordinário acarretaria exatamente o custo de três pence e três *farthings*⁶ para manter a lareira acesa por doze horas, e ainda cozinhar um assado, esquentar as sobras da noite anterior, ferver os vegetais e passar a ferro. Entretanto, sem perder muito tempo pensando em todas essas dúvidas, e achando que eu

estava seguro nas mãos do sr. Penny, são e salvo de um aumento exorbitante, perdi a fala ao descobrir que as contas unidas somavam algumas centenas de libras. Quase me dispus a construir outra casa, apenas para mostrar o quão cuidadosamente eu evitaria contrair esses gastos adicionais de novo.

Eles devem ser acertados. Um agrimensor é chamado de algum lugar, e você alimenta a ilusão de que o desejo do coração dele é que o construtor não lhe cobre nem meio centavo a mais pelos acréscimos. O construtor indica uma certa quantia como o valor de uma porção — digamos que o dobro; e em seguida, o agrimensor propõe uma soma, cerca de metade do valor real. Eles então discutem verbalmente, até aos poucos aproximarem seus números e chegarem a um meio-termo. Todas as minhas economias foram submetidas a essa operação.

Veículos de transporte familiar levaram nossos móveis e pertences à nova casa sem nos importunarem muito; contudo, alguns incidentezinhos irritantes aconteceram na nossa mudança, e teriam me afetado ainda mais não fosse um repentino interesse de Sophia, que surgiu com o bom humor de uma comemoração do Dia de São Martinho⁷ e aliviou os percalços consideravelmente. A fumaça era um dos nossos problemas. Ao acender a lareira do escritório, cada partícula da fumaça entrava no cômodo. Em nossos apuros, recorremos ao arquiteto, que imediatamente perguntou se havíamos tentado abrir o tampo da chaminé para resolver a situação. Não havíamos ainda, mas assim fizemos, e a fumaça sumiu prontamente. A última coisa de que me lembro é de Sophia levantando-se de repente na cama numa noite e me assustando ao dizer: “Ai, aquele construtor! Não há nenhuma proteção nas janelas do quarto das crianças. John, algum dia eles vão cair por pura inocência. Como é que eles vão saber que não devem se empoleirar sobre o parapeito? Ai, aqueles pobrezinhos vão se estatelar em pedaços. Por que foi que você colocou o quarto delas no segundo andar, hein?” E não tenha dúvidas de que a situação foi resolvida já na manhã seguinte.

11

Agradecimentos

Agradeço à CAPES pelo auxílio financeiro, que possibilitou esta tradução como parte da minha pesquisa de doutorado, e a Samira Spolidorio pela revisão minuciosa da tradução.

REFERÊNCIAS

Britannica, T. Editors of Encyclopaedia. (1998, July 20). *literary sketch*. In *Encyclopedia Britannica*. <https://www.britannica.com/art/literary-sketch>. Acesso em: 07 jul. 2023.

Chapman, R. (1990). *The Language of Thomas Hardy*. Macmillan Education.

Hardy, T. (2013). How I Built Myself a House. In *The Short Stories of Thomas Hardy: e-book edition*. Jazzybee Verlag.

Hardy, T. (1891). *Tess of the D'Urbervilles*. James R. Osgood, McIlvaine & Co.

Millgate, M. (2006). *Thomas Hardy: a biography revisited*. Oxford University Press.

Morgan, R. (2007). *Student Companion to Thomas Hardy*. Greenwood Press.

¹ Disponível em domínio público, na íntegra, em <https://www.darlynthomas.com/builthouse.htm>. Acesso em: 31 jan. 2024.

² No original: “as a satirical comment upon the architect-client relationship” (Millgate, 2006, p. 84).

³ Matemático de Alexandria que viveu no século III a.C e é reconhecido como o “pai da Geometria”.

⁴ Até 1971, no Decimal Day, a libra que circulava no Reino Unido não era dividida em 100, como no real, no dólar, no euro etc. À época de Hardy, no fim do século XIX, a moeda era dividida em 240 unidades, o que equivalia a um pence. 12 pence, então, equivaliam a um xelim, e 20 xelins equivaliam a uma libra. Os *farthings* vinham como uma subdivisão que: um *farthing* cheio equivalia a 1/960 de uma libra e 1/48 de um xelim; meio *farthing* equivalia a 1/1920 de uma libra e 1/96 de um xelim); um-terço de um *farthing* equivalia a 1/2880 de uma libra e 1/144 de um xelim; um-quarto de um *farthing* equivalia a 1/3840 de uma libra e 1/192 de um xelim. No entanto, com o passar do tempo, as ramificações dos *farthings* perderam o valor e pararam de circular em 1956, ainda antes do Decimal Day. Disponível em: <https://www.cotacao.com.br/blog/libra-esterlina-tudo-a-moeda-mais-antiga-do-mundo-em-circulacao/>. Acesso em: 31 jan. 2024.

⁵ Uma torre de pedra de quase 62 metros, erigida em respeito ao Grande Incêndio de 1666, em Londres. Atualmente, é um ponto turístico. Disponível em: <https://www.themonument.org.uk/>. Acesso em: 31 jan. 2024.

⁶ Vide nota 4.

⁷ “Martinmas”, o Dia de São Martinho celebrado em 11 de novembro na Europa. A festa litúrgica celebra a figura histórica do soldado húngaro São Martinho de Tours, que viveu entre 316 e 397 e foi eleito bispo.

Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/martinmas> e <https://www.wunderwelt-a.com.br/tradicao-alema-dia-de-sao-martinho/>. Acesso em: 31 jan. 2024.